

DUELO ENTRE *TU* E *VOCÊ* EM CARTAS PESSOAIS PERNAMBUCANAS DOS SÉCULOS XIX E XX¹

Alessandra Alves da Silva Santos²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a ocorrência de mistura no emprego dos pronomes pertencentes aos paradigmas do *Tu* e do *Você* nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo. Quanto ao aspecto teórico, toma-se por base as perspectivas da Tradição Discursiva (KABATEK, 2006; LONGHIN, 2014), da Linguística Histórica (CASTILHO, 2016), da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), da Proximidade e Distância comunicativa (KOCH e OESTERREICHER, 2007) e da teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN e GILMAN, 1960). Os resultados mostram que as escolhas das formas de tratamento e a ocorrência de mistura dos paradigmas do *Tu* e *Você* têm vinculação com o tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando a maior ou a menor proximidade entre os missivistas e seus interlocutores, além de marcas da tradição discursiva, especialmente, na despedida das cartas.

PALAVRAS-CHAVE: cartas pessoais; formas de tratamento; tradição discursiva; acusativo; dativo.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la ocurrencia de mezcla en el empleo de los pronombres pertenecientes a los paradigmas del *Tu* y del *Você* en los contextos morfosintáticos acusativo y dativo. En cuanto al aspecto teórico, se toma por base las perspectivas de la Tradición Discursiva (KABATEK, 2006; LONGHIN, 2014), de la Lingüística Histórica (CASTILHO, 2016), de la Sociolingüística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), de la proximidad y distancia comunicativa (KOCH y OESTERREICHER, 2007) y de la teoría del poder y de la solidaridad (BROWN y GILMAN, 1960). Los resultados muestran que las opciones de las formas de tratamiento y la ocurrencia de la mezcla de los paradigmas del "tu-você" tienen vinculación con el tipo de relación establecida entre los escribientes, considerando la mayor o menor proximidad entre los misioneros y sus interlocutores, además de marcas de la tradición discursiva, especialmente, en la despedida de las cartas.

PALABRAS-CLAVE: cartas personales; formas de tratamiento; tradición discursiva; acusativo; dativo.

¹ Artigo solicitado pelo Professor Doutor Inaldo Firmino Soares como atividade avaliativa da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, ministrada no curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE, sob a orientação da professora Valéria Severina Gomes.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE. E-mail: alessandrasmn10@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo em vista a constante transformação da língua portuguesa ao longo dos tempos, os documentos deixados pelos autores constituem-se como preciosas fontes de pesquisa para a atualidade. “A língua portuguesa, desde que foi fixada pela escrita até nossos dias, tem sofrido várias e significativas modificações, reflexo que é de uma cultura sempre dinamizada pela força convergente de inúmeros fatores” (HAUY, 2008, p. 48). Dessa forma, evidenciar a historicidade da língua e do texto é de extrema importância para se perceber as transformações relacionadas à linguagem, ressaltando-a como produto da historicidade social. Assim, a análise da mistura dos paradigmas de *Tu* e *Você* nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo nas cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX tem como objetivo contribuir com os estudos sobre o português brasileiro. A identificação e análise dessas ocorrências contribuem para evidenciar a concepção de língua e de texto como produtos e processos de historicidades, visando à valorização dessas ocorrências, ao contrário do que postula a gramática tradicional.

Como ponto de partida, a presente pesquisa seguiu a direção de estudos prévios realizados por integrantes do Projeto Para a História do Português Brasileiro, como: “*Da carta a outros gêneros textuais*”, de Marlos de Barros Pessoa; “*Reflexões e questionamentos sobre a constituição de corpora para o Projeto Para a História do Português Brasileiro*”, de Rosa Virgínia Mattos e Silva; “*Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa*”, de Alessandra Castilho da Costa; “*Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoa nas cartas dos avós*”, de Célia Regina dos Santos e Ana Carolina Morito Machado. Esses estudos contribuíram para situar o trabalho, evidenciando a historicidade da língua e do texto.

A seleção da carta como objeto de análise parte do fato de ser um gênero de grande contribuição à pesquisa linguística de *corpus* histórico por ser influenciado por características informais. Assim, confirma a afirmação de Pessoa (2002, p. 197) de que “um dos gêneros textuais mais importantes para a história das línguas é a carta”. Outra perspectiva sobre esse gênero é apontada por Costa (2012, p. 146), “o gênero carta pessoal não é totalmente livre”, por isso é importante verificar, neste estudo, como as escolhas linguísticas são determinadas pelas relações de mais ou menos proximidade entre os escreventes e seus interlocutores.

Quanto à investigação sobre a ocorrência de mistura dos paradigmas do *Tu* e do *Você*, parte-se do movimento descrito por Santos e Morito (2005, p. 49) “No Brasil, o vulgar você

perde gradativamente o seu caráter nominal, diverge funcionalmente de V.M. e passa a concorrer com tu a partir do século XIX.” Portanto, esses estudos prévios contribuem com a análise da particularidade das cartas pernambucanas.

Desse modo, esta pesquisa pretende contribuir com dados de missivistas pernambucanos, visando acrescentar os resultados a pesquisas anteriores acerca do português brasileiro e do gênero carta. O objetivo geral é analisar as características do português brasileiro nos séculos XIX e XX, por meio dos padrões de comportamento tratamental *Tu* e *Você* nos contextos morfossintático acusativo e dativo, identificados nas cartas pessoais de pernambucanos, correlacionando a historicidade da língua e do texto. Inicialmente, foi possível realizar a seleção do *corpus* para a pesquisa, além de leituras e fichamentos dos textos utilizados como aporte teórico. Em seguida, o foco foi acessar o acervo e os dados das cartas codificadas e direcionar a análise dos dados de forma qualitativa, buscando reconstruir a performance das cartas, considerando as condições de produção e evidenciando as relações estabelecidas entre os escreventes e seus interlocutores, como um fator contribuinte para a mistura dos paradigmas *tu-você*. Nessas cartas podemos identificar os níveis de intimidade, divididos em grau menor (cartas de amigo), grau mediano (cartas de família) e grau maior (cartas de amor). Dessa forma, buscamos estabelecer “um paralelo entre o tipo de relação interpessoal e os subtipos textuais”, assim como Souza (2012, p. 114).

Tendo em vista os dados que foram obtidos, o estudo se concentrou em analisar, de maneira qualitativa, as ocorrências de mistura dos paradigmas do *Tu* e do *Você* nas cartas pessoais pernambucanas, relacionando as ocorrências de mistura às relações de proximidade e distância comunicativa, além da simetria e assimetria estabelecidas entre os autores e seus interlocutores. A análise abrange a variação dos paradigmas do *Tu* e do *Você* nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo, verificando a mistura desses paradigmas em virtude da inserção do *você* no quadro dos pronomes pessoais. Além disso, como fator contribuinte de análise, considerou-se a influência que os perfis dos escreventes e as relações estabelecidas entre os missivistas e seus interlocutores podem ocasionar na escolha pronominal e na ocorrência da mistura.

1. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A fase inicial da pesquisa partiu do levantamento bibliográfico, sobre Tradição Discursiva e o gênero carta pessoal, a fim de ampliar o conhecimento sobre os temas, por

meio de leituras e fichamentos, possibilitando, dessa forma, um embasamento teórico norteado pelos estudos anteriores e pesquisas que também fazem parte do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

Quanto à especificação do material que compõe o *corpus*, o banco de dados contém documentos coletados na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. Nessa instituição foram levantados acervos de 11 famílias. Essas cartas correspondem aos seguintes escreventes: Arthur Orlando – político e jornalista (22 cartas no período de 1894/1929); José Mariano – líder abolicionista, político e jornalista (5 cartas no período de 1869/1900); Joaquim Nabuco – político, diplomata, jornalista e jurista (17 cartas no período de 1872/1909); Arnaldo Guedes – não identificado (2 cartas no período de 1922-1930); Ascenso Ferreira - poeta (1 carta de 1962); Gilberto Freyre – sociólogo e escritor (10 cartas no período de 1939-1969); Manoel Borba – promotor, político e industrial (16 cartas no período de 1923-1924); Mário Sette – escritor e professor de Filosofia (13 cartas no período de 1905/1937); Nelson Ferreira – compositor e maestro (1 carta de 1925); Waldemar de Oliveira – médico, escritor, teatrólogo e compositor (28 cartas no período de 1907/1917); e Breno Braga – major do Exército brasileiro (8 cartas no período de 1941/1948). Além dessas cartas, foram coletadas também correspondências de escreventes não-ilustres (por estarem vivos, os nomes não são identificados), distribuídas em 9 cartas de família (período de 1980/1995) e 51 cartas de amor (período de 1949/1950). Dessa forma, o *corpus* de pesquisa conta com 183 cartas compreendidas do período de 1869 a 1995, sendo no total, 92 do subgênero carta de família, 32 cartas de amigos e 59 cartas de amor.

A transcrição dessas cartas pessoais foi feita de acordo com as normas do projeto *Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*. A discussão teórica que subsidiou a análise organizou-se nas seguintes seções: a carta pessoal como tradição discursiva, as relações de proximidade e distância comunicativas e, por fim, o quadro pronominal com a entrada do *Você*.

1.1 O gênero carta pessoal na perspectiva da tradição discursiva

A seleção da carta pessoal como objeto de análise parte da perspectiva de ser um gênero de grande contribuição à pesquisa linguística, por ser influenciado por características informais (COSTA, 2012, p.145). Segundo a autora, o aspecto composicional das cartas na retórica (grega e romana) era organizado em cinco partes: a saudação (*salutatio*), a captação da benevolência (*capitatio benevolentiai*), a narração (*narratio*), o pedido (*petitio*) e a

conclusão (peroratório) (p.151). De acordo com Gomes e Lopes (2014, p. 14), “o gênero “carta pessoal” apresenta fórmulas típicas repetidas em sua composição que remetem a usos pertencentes à natureza do texto”. Segundo as autoras, a natureza da amostra segue um padrão composicional que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação da benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. Assim, perceber a presença, a ausência ou a modificação desses padrões composicionais das formas de dizer colabora com o entendimento do modelo teórico metodológico das tradições discursivas. Dessa maneira, torna-se necessário, ao pensar em tradição discursiva, considerar as permanências e as inovações linguísticas presentes na construção do texto e buscar responder qual a finalidade comunicativa do que está sendo dito. Com isso, a relevância da carta pessoal como tradição discursiva, por apresentar marcas linguísticas próprias da natureza do gênero e de sua tradição.

De acordo com Kabatek (2006), dentro de um mesmo gênero, há diferentes tradições. Para o autor, o traço definidor das TD é, então, a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com repetição de algo. Esse “algo” pode ser a repetição total do texto inteiro, mas também pode ser apenas a repetição parcial ou ainda a ausência total de repetição concreta e unicamente a repetição de uma forma textual.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar marcas, principalmente na despedida das cartas, que evidenciam a predominância de determinados usos linguísticos. Kabatek (2006) explica que a Tradição Discursiva “é a repetição de um texto ou forma textual que evoca uma determinada constelação discursiva”. Essa repetição é notada com frequência em algumas correspondências e está totalmente ligada à evocação de uma situação de despedida, por exemplo.

Assim, entende-se que a Tradição Discursiva é parte do “reconhecimento de que o uso da linguagem, nas tantas esferas sociais, se faz sempre por meio de textos e que, portanto, o lugar de inovação linguística é o texto” (LONGHIN, 2014, p.15 e 16).

Portanto, torna-se necessário, ao pensar em tradição discursiva, considerar as permanências e as inovações linguísticas presentes na construção do texto e buscar responder qual a finalidade comunicativa dessa tradição discursiva, seja no domínio do gênero ou no domínio dos elementos constitutivos do gênero. Com isso, a relevância da carta pessoal como tradição discursiva, por apresentar marcas linguísticas próprias da natureza do gênero e da sua tradição. Por meio das cartas em análise passa-se a conhecer o perfil dos escreventes e as relações estabelecidas entre eles e seus interlocutores.

1.2 As relações de proximidade e distância comunicativa

A partir da reconstrução da performance das cartas pessoais, evidenciando o contexto de produção e a relação estabelecida entre o missivista e seu interlocutor é possível perceber as relações de proximidade e distância comunicativa que podem ser observadas em maior ou menor grau, tendo em vista os subgêneros abordados: carta de família, carta de amigo e carta de amor. Isso a partir das construções linguísticas e das escolhas das formas de tratamento empregadas. Assim, na carta pessoal, é possível identificar características que tendem à informalidade, considerando que o gênero apresenta mais traços de proximidade. Com base em Koch e Oesterreicher (2007), destacamos como características da proximidade comunicativa: a comunicação privada, a familiaridade entre os interlocutores, a forte implicação emocional, o envolvimento de situações e atos, a possibilidade de referenciação em relação à origem do falante, a proximidade física, a cooperação entre falante/ouvinte, a dialogicidade, a espontaneidade e o desenvolvimento livre de temas.

Assim, considerar o caráter da carta pessoal como sendo de uma “conversação escrita” (GOMES, 2014, p. 40) permite observar como as propriedades predominantes da proximidade comunicativa podem ser definidas de acordo com as condições de produção. Dessa forma, o gênero carta pessoal, por se tratar de um gênero espontâneo, apresenta marcas da oralidade na escrita e, de acordo com Gomes (2014, p. 40), “favorece a proximidade comunicativa no que diz respeito à privacidade, à familiaridade entre os interlocutores, à emocionalidade, à espontaneidade relativa e ao desenvolvimento livre dos temas”.

Além das relações de proximidade e distância comunicativas estabelecidas entre os missivistas e seus interlocutores, é possível identificar nas cartas, a partir das relações sociais evidenciadas e das formas tratamentais e pronominais utilizadas, a relação de simetria e assimetria tendo em vista a dicotomia “Poder e Solidariedade” postulada por Brown e Gilman (1960). Esses autores postularam a teoria do Poder e da Solidariedade evidenciada a partir do reconhecimento das relações hierárquicas entre o remetente e o destinatário. Dependendo das relações sociais, diferentes formas de tratamento podem ser escolhidas.

Quanto à relação de solidariedade, parte de uma perspectiva de igualdade estabelecida na relação entre duas pessoas, que fazem parte de uma situação social equivalente. Assim, para esse estudo, foram estabelecidos os tipos básicos de relação de poder e solidariedade, que correspondem, respectivamente, às relações de simetria e assimetria estabelecidas pelos autores e seus destinatários.

Segundo Souza (2012, p 57), as relações simétricas são aquelas em que existe igualdade funcional e de papéis sociais entre os participantes da interação. Quanto às relações assimétricas, em que há distinção hierárquica na interação, Souza (2012, p 56) afirma que o “falante/ remetente e ouvinte/ destinatário devem estar em níveis hierárquicos distintos”. É nessa distinção que a relação assimétrica se distingue em *assimétrica descendente*, quando se dá na relação de superior para inferior, e a *assimétrica ascendente*, quando estabelecida na relação de inferior para superior. Como exemplificado nas relações sociais a seguir:

- I) Relações simétricas (solidárias) - entre amigos, irmãos, namorados/noivos;
- II) Relações assimétricas descendentes (superior para inferior): pai-filho (a), mãe-filho (a);
- III) Relações assimétricas ascendentes (inferior para superior): filho (a)- pai, filho (a) - mãe.

Dessa forma, o reconhecimento das relações de proximidade e distância comunicativa, além das de simetria e assimetria estabelecidas entre remetentes e destinatários nas cartas pessoais pernambucanas, contribui com o entendimento das escolhas das formas de tratamento, tendo em vista que essas relações estão diretamente relacionadas à seleção pronominal e de seus paradigmas.

1.3 A reorganização e a mudança no quadro pronominal a partir da entrada de *você*

Sobre a formação do *Você* no português, é necessário resgatar que no latim havia duas formas para se referenciar a segunda pessoa do discurso: o *Tu*, para estabelecer a intimidade com o interlocutor e o *Vós*, que tinha a função comunicativa de cortesia. Essas duas formas do latim foram herdadas pelo português, contudo, o pronome *Vós*, que era o preferencialmente empregado pela Corte portuguesa, passa a ser utilizado com menos frequência.

Segundo Castilho (2016, p.479), a forma *você* surgiu por alterações fonológicas de expressão de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*. *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. Porém, com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos também utilizavam esse tratamento. Por isso, o rei passa a reclamar para ele o tratamento *Vossa Majestade*. Desse modo, a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* dissemina-se pela nobreza e burguesia como expressão de tratamento formal, diferente do *Tu*, empregado como informal, na intimidade. Assim, ao longo do tempo e com as transformações sociais, o *Vossa Mercê* passou por modificações de forma e sentido até tornar-se o pronome

de tratamento *Você* em português. Com isso, percebe-se que as mudanças nas relações interpessoais objetivavam evidenciar a hierarquização das classes sociais e a soberania do rei por meio das expressões de tratamento.

Na atualidade, a forma *Você* inserida no quadro pronominal brasileiro, como pronome de tratamento que, no uso, adquire a forma pronominal pessoal *Você*, alternando com o paradigma de segunda pessoa do quadro pronominal (*Tu*), exercendo a função sintática de sujeito entre outras funções.

Quanto aos processos de variação do tu/você, estudos prévios de Lopes, Rumeu e Marcotúlio (2011) apontam que tais ocorrências não afetam o sistema linguístico em sua totalidade e de maneira instantânea. Percebe-se que a entrada de *você* não ocorreu na mesma velocidade em todo quadro de pronomes (pessoais reto, oblíquos átonos e tônicos, possessivos). Advinda de uma expressão nominal (*Vossa Mercê*) que levava o verbo para a terceira pessoa do singular, a forma *Você* manteve algumas propriedades morfossintáticas do tratamento primitivo que acarretaram no rearranjo do sistema pronominal. Persistindo a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva seja de 2ª pessoa.

Algumas alterações afetaram em cadeia as subclasses dos pronomes de complementos direto e indireto, além dos possessivos. Diferentemente do pronome original de 2ª pessoa *Tu*, a forma gramaticalizada *Você* pode figurar em várias posições sintáticas sem flexão, além de ocorrer combinando-se às formas clíticas e/ou possessivas relacionadas a *tu*. Assim, “No Brasil, o vulgar *você* perde gradativamente o seu caráter nominal, diverge funcionalmente de *Vossa Mercê* e passa a assumir propriedades pronominais concorrendo com *tu* a partir do século XIX.” (LOPES; MACHADO, 2005, p.49). Dessa forma, a “uniformidade de tratamento” ainda defendida nas gramáticas tradicionais soa com artificialidade no que diz respeito ao português brasileiro.

Contudo, é importante destacar o caráter inovador de alguns estudos sobre o quadro pronominal do português brasileiro, como apresentado no quadro dos pronomes pessoais, presente em Castilho (2016, p 477), no qual se percebe a incorporação do *Você*, no português formal e informal. Porém, como a presente pesquisa busca evidenciar o comportamento tratamental relativo à segunda pessoa do discurso, no singular, foi feito o recorte específico desse quadro, como podemos evidenciar a seguir:

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
2ª pessoa sg	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	você/ocê/tu	você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)

Quadro: Pronomes pessoais em Castilho (2016)

Segundo Castilho, os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças, sendo observadas reorganizações, sobretudo, na modalidade falada. Assim, tendo em vista o caráter espontâneo e informal do gênero carta pessoal, torna-se possível evidenciar ocorrências dessa reorganização e mistura de paradigmas, revelando assim construções linguísticas pautadas no uso.

Dessa forma, a análise apresentou ocorrências de mistura dos paradigmas de *tu-você* e de modos tradicionais de dizer na despedida, evidenciados, por exemplo, pela seleção dos clíticos (a) e (te), no contexto morfossintático acusativo (objeto direto). Além disso, a presente pesquisa buscou evidenciar a importância do gênero carta pessoal como uma tradição discursiva e a importância da reconstrução da sua performance. No tópico seguinte serão apresentadas as discussões e os resultados alcançados.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados discutidos passaram pela observação das relações de proximidade e distância comunicativa e as de simetria e assimetria que influenciam diretamente a escolha e a mistura da forma pronominal empregada, buscando perceber, nas cartas, o emprego da segunda pessoa do discurso, evidenciando a ocorrência de misturas de paradigmas.

As abordagens apresentadas anteriormente são necessárias à análise qualitativa das cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX. Para sistematizar a discussão e os resultados, no tópico 2.1 será discutido o gênero carta pessoal como uma tradição discursiva a partir do levantamento da sua performance, por meio do perfil do escrevente e do contexto de produção. Nesse tópico são considerados a influência da proximidade e da distância comunicativa e os tipos de relação existentes entre os autores e seus interlocutores. O tópico 2.2 abordará a ocorrência de mistura, tendo em vista a entrada do *Você* no quadro pronominal do português, que, por vezes, disputará o espaço com o *Tu*, principalmente nas relações de maior proximidade comunicativa como nas cartas dos subgêneros amor e família.

2.1 A tradicionalidade da carta e a reconstrução da performance

Para reconstruir a performance das cartas, identificando o perfil dos escreventes e as condições de produção, é necessário perceber a natureza da amostra, destacando o padrão composicional que segue: local, data, vocativo, captação da benevolência, corpo do texto, despedida e assinatura (LOPES; GOMES, 2014). Com isso, por meio das cartas em análise, é possível conhecer o entorno de quem as escreveu e identificar estratégias linguísticas utilizadas (CONDE SILVESTRE, 2007). Dessa forma, torna-se imprescindível que a análise evidencie a historicidade da língua e do texto, tomando por base o conceito de Tradição Discursiva (KABATEK, 2006). Nesse modelo teórico-metodológico, a análise dos dados se dá de modo a evidenciar o processo sócio-histórico dos usos linguísticos. Dessa forma, para entendermos esse conceito, vejamos:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a **repetição de um texto ou de uma forma textual** ou de uma **maneira particular de escrever ou falar** que adquire **valor de signo próprio** (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja **repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição**; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que **evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados**. (KABATEK, 2006, p. 7)

De acordo com Kabatek (2006), tem-se a definição de tradições discursivas "como modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa" (p. 4), assim, entende-se que "os gêneros são tradições de falar, mas nem todas as tradições de falar são gêneros" (p. 5).

Através das cartas, conhecem-se o escrevente, seu contexto de vivência, podendo situar a carta no espaço (local) e no tempo (data); e, sobretudo, conhecer as escolhas/estratégias linguísticas que podem dar pistas sobre o perfil social e as relações simétricas/assimétricas entre os escreventes (GOMES, 2014). Sendo assim, as marcas linguísticas podem apontar, especialmente, para uma proximidade da comunicação face a face, isto é, para o eixo da oralidade, ao observar, por exemplo: o grau de publicidade ou privacidade da comunicação, o grau de familiaridade e afetividade (intimidade) entre os escreventes, o grau de implicação emocional, o grau de fixação ou de liberdade temática, entre outros. Para isso, é necessário apresentar o perfil social dos escreventes das cartas, associar e investigar a proximidade/ distância comunicativas entre os correspondentes, e,

verificar a ocorrência de mistura no paradigma do *tu* e do *você* diante de missivistas ilustres e não-ilustres.

Nessa perspectiva de análise, buscamos identificar: as marcas da tradição discursiva nas cartas a partir da reconstrução da performance, atentando para o gênero carta como uma tradição discursiva; as relações estabelecidas entre os escreventes e seus interlocutores; a entrada do *você* no quadro pronominal do português; e a ocorrência de mistura do paradigma *Tu-Você*, fortemente influenciada pelas relações de proximidade e distância comunicativa estabelecida entre os escreventes e seus interlocutores.

Dessa forma, para reconstruir a performance das cartas, é necessário inicialmente delimitar os subgêneros que compõem o *corpus* (cartas de amigo, carta de família e cartas de amor), e, a partir disso, evidenciar as relações de proximidade e distância comunicativa presentes nas partes composicionais das cartas, mais especificamente, no vocativo, no narrativo e na despedida. Como será evidenciado nos exemplos a seguir:

2.1.1 Cartas de amigo:

- (1) **Meu caro Barão**, || Não **lhe** tendo escripto por não ter portador de | confiança e não ter fé no correio da Republica. Posso | porem comunicar **lhe** sem medo de ser acusado de | cumplicidade co o centro da propaganda restau- | radoura na Europa (é assim que um ministro o | [*inint.*] a um conhecido meu de alta importância | da monarchia), que nos **nasceu uma filhinha** que | se chamará Maria- Carolina por estes dias. || Esperamos ir breve á Europa, mas tem agora | mais essa incerteza. || **Carlottinha** deve chegar a 8 e estou ancioso | por vel-a. [...] | A Carlottinha lhe escreverá tudo o que sou. | [?] er e eu **lhe** direi o que me conste. [...] || **Muitas recomendações e saudades á Baroneza**, | de quem vou agora ter noticias detalhadas pela | Carlottinha. || **Do amigo muito dedicado**|| **Joaquim Nabuco** (Carta JN 09-1890)
- (2) **Collega e Amigo Doutor Augusto Guimarães**|| Ter-**lhe**-ha esta entregue pela gentil har-| pista **Dona Mathilde Cerutti**. || Ella vai passar uma temporada na Ba- | hia, fasendo parte do elenco de uma **companhia** lyrica || **Alem da hospitalidade com que costu-| ma acolher a quantos não respirão as brisas da | patria de Castro Alves**, de sua gentileza só me | é dado esperar que a [*inint.*] de toda a distinção | e amabilidades de que é ella merecedora e | nunca serão demais prodigalisadas ás madonas que | como Mathilde Cerutti, tem na harpa o cor-| dão mágico de fallar ás mais cândidas pai-| xões da alma. || E **muito** grato ficarei. **Collega Amigo José Mariano** (Carta JM 03- 1892)

Nos exemplos (1) e (2), as cartas revelam relações simétricas (entre amigos). Contudo, os vocativos utilizados no início das correspondências, quando os escreventes iniciam com “Meu caro...” e “Amigo Dr.”, revelam uma forma respeitosa e, ao mesmo tempo, um certo distanciamento entre os interlocutores, apesar de serem percebidos traços de proximidade comunicativa no narratio e na despedida. Nas cartas de amigo analisadas, embora tenham sido observadas características de formalidade, essas correspondências visavam a estreitar o contato com os interlocutores, mesclando a formalidade de certos temas tratados entre amigos

com as ocorrências de dialogicidade, emocionalidade e coloquialidade a depender também do assunto tratado.

2.1.2 Cartas de família:

- (3) **Mamãe** || Cheguei e com saúde | Fis a viagem bem, só com o incove- | niente de muito pó: quando pensei em | passar o telegramma foi tarde e na | agencia da cohade alta só passavam | até 6 horas. Foi este o motivo d’eu | não ter passado telegramma. [...] | Jantei bem e sem cerimonia. || Corre que o livro pedido é [inint.] de Bello Gallino; Se quando esta car- | ta tiver chegado as roupas ainda | não tiverem embarcado **você** man- | da o assim envio de [inint.] | Elle está na gaveta do lado do cofre | e **voce** lê logo Comentario | (de capa rosa); [...] | **Abrace e beije quem lhe estima.** Waldemar. (Carta WO 09-1916)
- (4) **Mamãe** || **Abenço** || Recebi sua carta do dia 24 de Julho. || Fico contente em saber que todos dahi estão bons. | Quer dizer que no dia 22 de Julho os “parentes do Pai” | jantaram ai, que vontade que eu tive de estar ai tambem. [...] | Aqui termino enviando para todos vocês **um apertadíssimo | abraço, e para você** um abraço especial do **filho que | sempre a quiz muito bem,** Breno || Recife, 11\9\047 (Carta BB 07-1947)

Nos exemplos (3) e (4), a forma pronominal adotada pelos escreventes na relação assimétrica ascendente (de inferior para superior, de filhos para mães) foi o “você”. O emprego do ‘você’ nas cartas analisadas mostra o seu hibridismo, ora usado nas relações de maior distanciamento, ora usado em situações de maior proximidade entre os interlocutores, disputando com o “tu” íntimo, os espaços nas relações de intimidade entre filho, mãe, cônjuges, etc. Como pode ser evidenciado nos exemplos seguintes (5) e (6) pertencentes ao subgênero cartas de amor:

2.1.3 Cartas de amor:

- (5) **Ináh** || Para **você** o meu cumprimento muito atencioso. | De coração agradeço a gentileza de seu retratinho. **Você** diz que está com o rosto um pouquinho infla-| mado. Não notei. **Acreditaria se dissesse que | quem o admira fica com o coração “inflamado”**, porque, | na verdade, está ótimo. [...] | Porque não veio **você** passeiar aqui uns dias? Dira... | Muito trabalho ... Não faltará ocasião... || Irei visita-**la** qualquer dia destes e ficar conhecen- | do seu mano. Os retratinhos que mandei, foi para que | **você** visse que não fiz pouco caso, mesmo ruins como | ficaram. [...] **Aqui termino re-| novando meu cumprimento extensivo á todos os | que lhe são mais caros,** Breno Braga (Carta BB 04- 1942)
- (6) **Queridinho paz do Senhor**|| Z. dos momentos da minha vida o mas| feliz foi este em que pego na minha pena| para **te** transmitir essas linhas portadora| dos meus cegredo e das minhas saudades eu ao| fazer esta fico em paz graça ao nosso bom Deus| A pesar que **longe de você não tenho praser na| minha vida** os dias pra mim são triste as trades| cilenciosa mas com tudo tenho que me conforma| porque é o geito. Z. no momento que| **você** partiu eu não suportei sua partida só| Deus sabe a dor que eu senti no meu coração| ainda não posso me lenbra os dias tão feliz| que eu passei e ver **você** se ausentar de mim por| tantos dias. **Olha us dias vão se passando o| amôr que eu te tenho vai amentando e a | saudade é linda no jardim e triste no meu| coração acreditas?** Z. amo-**te** tanto que| só me concolo quando estou ao teu lado ouvindo|(~~a tua~~) a tua voz que penetra no meu coração| e sentindo sempre a doucura do teu lido olha| meu Z. não sei agradecer a Deus minha| grande felicidade pois creio que foi jesus que| nos deu tão grande felicidade e tenho fé em| Deus que o nosso grande amôr ha de ser eternamente| Não é assim **meu amôzinho.** | Z. resolvi escrever-**te** primeiro apezar de| Compreender que a obrigação ser sua mas| como amo-**te** muito e sei que **você** não tem tempo| e eu não poderia suporta um grande cilencio| teu?| [...] Vou terminar o jornal || ja esta **te** enfadando|| [espaço] Nada Mais da tua||

[espaço] cincera e fiel noiva|| [espaço] N. L. Paiva|| [espaço] mamãe e v. || [espaço] envian a paz (Carta NJ 15-1950)

Portanto, a proximidade comunicativa é um traço predominante nas cartas de amor e de família. Por tratar-se de correspondências entre cônjuges, irmãos, pais e filhos, há uma intimidade maior que permite uma linguagem informal e aberta. Assim, é importante considerar as condições de produção para identificar se a relação estabelecida entre os interlocutores é de simetria ou assimetria. Essas relações são identificadas por meio das estratégias linguísticas utilizadas pelos interlocutores. As cartas de amor e de amigo apresentaram relações simétricas, enquanto as cartas de família, relações assimétricas ascendentes ou descendentes. O processo de reconstrução da performance das cartas pessoais possibilita traçar as condições de produção e quais marcas discursivas são mais utilizadas pelos escreventes, identificando os recursos linguístico-discursivos recorrentes ao longo das correspondências, evidenciando as especificidades dos subgêneros. No que diz respeito à escolha e ao emprego de pronomes do paradigma de ‘Tu’ e ‘Você’, no tópico seguinte encontra-se uma discussão qualitativa a respeito da mistura dos paradigmas tu- você.

2.2 A mistura dos paradigmas *tu-você* a partir da entrada do você no quadro pronominal

Para iniciar este tópico, é importante retomar a afirmação de Castilho (2016) de que “a forma você surgiu por alterações fonológicas de expressão de tratamento Vossa Mercê, um sintagma nominal que deu origem a você.” Segundo o autor, a forma nominal de tratamento Vossa Mercê dissemina-se pela nobreza e burguesia como expressão de tratamento formal, diferente do *Tu*, empregado como informal, na intimidade. Assim, ao longo do tempo e com as respectivas transformações sociais, o Vossa Mercê evoluiu até tornar-se o pronome de tratamento *Você* em português. No que diz respeito à ocorrência de mistura do paradigma *tu-você*, Santos e Morito (2005, p. 49) afirmam que “No Brasil, o vulgar você perde gradativamente o seu caráter nominal, diverge funcionalmente de V.M. e passa a concorrer com tu a partir do século XIX”.

Quanto ao contexto morfossintático acusativo nas cartas pernambucanas, se faz necessário observar o processo de inclusão do paradigma do *você*, evidenciado ao longo dos anos. Observando-se também que a escolha por essa forma de tratamento, ao passar do tempo, perde a formalidade e ganha espaço em correspondências de cunho informal. É importante ressaltar que essa inovação é resultado de uma mudança histórica do *vossa mercê* para *você*.

A análise permite identificar também as marcas do conservadorismo presente no uso de *tu* e a abertura para inclusão de novas formas pronominais pertencentes ao paradigma de *você*. Nesse contexto, são observadas as seguintes formas de tratamento na posição de acusativo: **te**, **você**, **lhe**, **o/a**. Evidenciadas nos exemplos a seguir:

- (7) **TE**: 29 de Setembro de 1949. Querido Z. a paz do Senhor [...] Da tua esquecida que nunca se esquece de você aqui fica nas maiores ausencia quem **te** ama N. (Carta NJ 08- 1949)
- (8) **VOCÊ**: Recife 9 de julho de 1895. Orlando Ja respondi a sua ultima carta recebida de 28 de Junho. Estão em exercício o magno e Ottoni sendo despronunciados pelo Jose Guabirú como esperávamos e verei **você** no Diario de hoje. (Carta AO 05-1895)
- (9) **LHE**: 20 de Outubro de 1949. Querido a paz do Senhor. [...] preciso ora muito vou ora por você tambem. Quem tanto **lhe** estima sua noiva N. (Carta NJ 09- 1949)
- (10) **O**: Roma, 20 de março de 1903. Meu caro Colega Dr. Galvão, Acabo de ler seu ilegível filho poema “A morte da Agua” e venho felicital-**o** pela grandeza do mytho que o Sr. Creou. (Carta JN 14- 1903)
- (11) **A**: Minha querida mamãe. Bahia 6 de agosto de 1917. Recebi pelos dois correios ultimos duas cartas suas [...] Adeus minha boa mãesinha, beije saudosamente o grato filho que não **a** esquece. Waldemar. (Carta WO 18-1917)

Quanto ao contexto morfossintático dativo, observam-se as seguintes formas: **te**, **lhe**, **a você**, **para você**, **outras preposições+você**, **a ti**, **para ti**, **preposição+ti**, observadas nos exemplos:

- (12) **TE**: Z. a paz do Senhor Querido Z. é nesta trade em que se mostra silencio e a trade vai fugindo e as estrelas alegremente vão aparecendo tudo isto é alegria pra mim quando levo a mão a pena para ti enviar-**te** está mal feita linhas (Carta NJ 03- 1949)
- (13) **LHE**: É neste venturozo momento em que levo a mão a pena para ti responder a tua adoravel cartinha que veio me emcher-me de prazer não avalias a alegria que cauzo-me na hora em que recebi a sua cartinha ao ler fico mais alegre em saber que você vem sabado D. não esta aqui quem vai **lhe** esperar é V. (Carta NJ 07- 1949)
- (14) **A VOCÊ**: Elles quizerem, principalmente o primeiro que eu possa indicar os nomes dos amigos **a você**. Como sabe há muitos conservadores que de nós se têm afastados pois se acham convictos de que o Lucena desligou-se do partido. (Carta AO 03 - 1894)

- (15) **PARA VOCÊ**: Minha cara mamãe [...] Diz você que [*inint*] precipitação ou vontade de acabar quando escrevi **para você** é que nunca escrevo descansadamente. (Carta WO 12 - 1916)
- (16) **PREP. + VOCÊ**: Minha querida mãesinha. Estou de posse de sua cartinha de 18 deste, a última que recebi e estou inteirado de tudo quanto me diz. [...] Vou combinar uma coisa **com você** pelos vapores dos sabbados mandar-lhe-ei apenas um cartãozinho em postal dando somente notícias de minha saúde nos vapores das terças. (Carta WO 14 - 1917)
- (17) **A TI**: Querida N. a paz do Senhor. N. e este os momentos mais feliz que tenho em minha vida e este em que me pego na minha rude e ulmiude pena [...] Vou terminar enviando a paz **A ti** e a v. e muitas recordação, termino ficando nas maiores ausência di ti Qen ti ama. O teu noivo. (Carta JRB 11- 1949)
- (18) **PARA TI**: É neste venturozo momento em que levo a mão a pena **para ti** responder a tua adorável cartinha[...] (Carta NJ 07- 1949)
- (19) **PREP. + TI**: Eu fico no teu esquecimento quem não si esquecer **Di ti** um só momento. (Carta JRN 20 - 1950)

Assim, tendo em vista que as cartas analisadas são do subgênero familiar, entre amigos e cartas de amor, foi possível observar as relações de proximidade e distância comunicativa, e as de simetria e assimetria que influenciam diretamente a escolha da forma de tratamento empregada e a ocorrência de mistura dos paradigmas *tu-você*.

Dessa forma, na carta escrita pelo ilustre missivista pernambucano, o líder abolicionista, José Mariano (JM), e destinada a seu pai, em (1869) observou-se o uso exclusivo da forma *Vosmecê*, uma variante da forma *Vossa Mercê*. Os diversos estudos de Lopes e Duarte (2003, 2004); Silva e Barcia (2002, *apud* Lopes e Machado, 2005, p.45), com base em *corpora* diversificados, entre eles cartas pessoais, “tem demonstrado que a forma *Vossa Mercê* conserva nos séculos XVIII e XIX seu caráter de cortesia e respeito, sendo utilizada preferencialmente nas relações de inferior para superior”. Assim, na relação assimétrica ascendente, no caso do filho para o pai, há uma preocupação com a escolha tratamental, que, de certa forma, apresenta-se com maior formalidade.

- (20) “Recebi a carta de **Vosmecê** com Data de 25 | do corrente e fico inteirado de tudo quanto nella | **Vosmecê** me mandou diser. || Remeto hoje cosido em uma estopa | a roupa suja que aqui havia – se-| gundo me ordena **Vosmecê** em sua car-| ta. [...]” José Mariano (Carta JM 01- 1869)

Percebeu-se também em uma carta que JM destina a sua filha Yayá, em (1900) o emprego do *Tu*, inclusive há ocorrência de mistura dos paradigmas do *Tu-Você* na posição de sujeito:

(21) “[fol. 1 r] Escrevi-**te** a 21 deste pelo “Cor-| delliere” e hoje novamente es-| crevo-**te** pelo “Magdalena” para | dar-**te** a compensação de não | **teres** recebido cartas pelo Da-| nubé. É mesmo cumpro a pro-| messa que **te** fiz em *minha* ul-| ma carta de **te** escrever sem-| pré. || Recebi hontem uma cartinha tua, sem data, mas que pro-| vavelmente devia ser de 19 ou | 20. || A esta hora já [**deves**] estar | mais satisfeita porque já | [**terá**] recebido a carta que | foi pelo Cordelliere. [...]” José Mariano- (Carta JM 05- 1900)

No que diz respeito à escolha da forma tratamental, observa-se nesta carta a relação assimétrica descendente, de pai para filha, na qual se evidenciou um maior grau de proximidade e de intimidade, observado no emprego da forma tratamental *Tu* e da mistura dos dois paradigmas, indo de encontro ao que postula a gramática, de que é preciso uniformizar as formas pronominais. Nesse exemplo, por estar inserido em uma situação de informalidade e de pouco monitoramento, JM, que é um usuário da variedade culta da língua, contraria essa prescrição em função do propósito e do contexto comunicativos.

Foi identificada também a ocorrência de mistura dos paradigmas do *tu - você* em cartas familiares do ilustre missivista pernambucano Waldemar de Oliveira (WO), escritas na primeira metade do século XX, em 1917, e destinadas a sua mãe D. Maria da Penha. Essa ocorrência se deu no contexto morfossintático nominativo (posição de sujeito), tendo em vista a proximidade comunicativa estabelecida pela familiaridade e afetividade entre o escrevente e sua interlocutora, como expresso nos exemplos a seguir:

(22) **Querida mamãe** ||Bahia, 27 de julho de 917. || Ate 21 e de 25 do corrente são as cartas suas que conservo em meu po- | der. Na primeira [**escreve**]-me dizendo não ter recebido nenhuma carta mi- | nha, na seguinte [**accusas**] o recebimento de duas dellas. || Soube do successo da conferencia de papai na Paraahyba e vou escre- | ver-lhe sobre esse assumpto. [...]|| Espero com anciedade as musicas que lhe pedi. | Diga a Neide que respondo logo a carta della. | [...] | **Adeus, minha mãe, receba um milhão de beijos | do filho grato e sincero amigo Waldemar.** (WO 15-1917)

(23) **Carinhosa Mamãe** || Bahia, 28 de Setembro de 1917|| [fol. 1r] Em meu poder se encontram duas cartinhas suas que com um | intervalo de 5 dias me chegaram. O vapôr que invariavelmente | às terças para aqui, às veses porem sahindo as quartas, (desta | vez foi a “Itatinga”), não levou carta minha porque me esqueci de collocar-a no correio. Agora, de assumptos já passados, achei melhor | fazer outra. [...] | O café vem no meu quarto, onde o tomo, depois escrevo, estudo, | cumpro com algumas obrigações e depois ao ½ dia (almoço) | desço. Com este regime tenho me dado bem. Recebi com alegria as valsas de que me [**falas**]: suas [inint.] [fol. 2v] 5 em lugar de 3 como [**diz**]: Duquesa do [inint.], Cora-| cão que aneia, Dedé, coração que implora, e Mercedes. | Gostei de muitas, principalmente da 2ª e 4ª. || [...]|| **Adeus minha querida mamãe, beijos muitos bei-| jos receba de mim. Waldemar** (Carta WO 25-1917)

As despedidas evidenciadas em cartas familiares do ilustre Waldemar de Oliveira para a sua mãe, referentes à primeira metade do século XX, evidenciam uma relação de

proximidade comunicativa e assimetria ascendente (filho-mãe). Nesse fechamento, observou-se a predominância do clítico *a*, no exemplo (25), que está diretamente ligado ao paradigma de 3ª pessoa e ao paradigma do *Você*, porém, foi empregado em referência à segunda pessoa do discurso, no contexto morfossintático acusativo (objeto direto). Contudo, no exemplo (24), o missivista utiliza a forma clítica (*te*) no contexto morfossintático acusativo, indicando maior proximidade comunicativa e o duelo dessas duas formas nesse contexto morfossintático. Como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (24) “Minha cara Mamãe Recebi, com grande alegria á 11 do corrente, a sua mimosa cartinha [...] Adeus minha mãesinha receba um afetuoso abraço de quem [te] estima muito Waldemar” (Carta WO 05-1916)
- (25) Só pessoalmente **lhe** posso relatar as minhas aventuras e as muitas expressões á este respeito. Este pedaço ultimo sobre musica vai tambem dirigido embora indirectamente a nelle à quem devo em parte o meu sucesso já relatado. Adeus minha boa mãesinha, beije saudosamente o grato filho que não [a] esquece. (Carta WO 18 – 1917)
- (26) Adeus, minha querida mamãe, abraços saudosos e beijos de quem muito [a] estima. (Carta WO 20-1917)
- (27) Adeus minha querida, beijos de quem [a] adora verdadeiramente. (Carta WO 22- 1917)
- (28) No dia 15 de Novembro o regulamento manda ferias para preparar-se para os exames. Fazem hoje 6 meses que **lhe** deixou e pretende beija[1-a] antes de 10 de Dezembro filho que [a] estima verdadeiramente Waldemar Beijos e saudades! (Carta WO 23-1917)

Esse modo de dizer recorrente no fechamento dessas cartas de família, “filho que [a] estima”; “beijos de quem [a] adora”; “o grato filho que não [a] esquece” com o emprego do clítico *a*, demonstra um uso mais conservador que se justifica pelo uso de uma forma tradicional de dizer, repetida nesse contexto, ou seja, mantida no fechamento pela natureza do texto, o que se configura como uma tradição discursiva no fecho da carta.

Foram observados traços de mistura dos paradigmas do *tu-você* na despedida das cartas. Isso foi evidenciado especialmente nas construções em que o remetente utiliza *você* na posição de sujeito, mas se percebe na despedida o predomínio do paradigma do *tu* e da forma pronominal (*te*), especialmente nas cartas de amor. Essas ocorrências de mistura dos paradigmas estão diretamente ligadas às relações de maior proximidade entre o escrevente e seu interlocutor. Como pode ser observado nas cartas de amor escritas pela missivista (N), na segunda metade do século XX, destinada a seu noivo (J), no período de 1949 a 1950, a mistura dos paradigmas *tu-você* favorece a escolha do paradigma do *Tu*, predominantemente no contexto morfossintático acusativo. As formas tradicionais de dizer no fechamento dessas cartas de amor evidenciam o emprego do clítico “te”, “quem [te] ama sinceramente”; tua

noiva que tanto [te] estima; “tua fiel noiva que tanto [te] ama”, como podem ser observadas nos exemplos a seguir:

- (29) “[...] eu só acredito que **você** não vem no dia 17 quando eu ver. Vou terminar ore por mãe que ela esta minto pior parece que eu agora vou ficar sem mãe mãe e vivi manda a paz quem [te] ama sinceramente N. Fim” (Carta NJ 06- de N. para seu noivo (Z) -1949)
- (30) “[...] estou **lhe** esperando agora por ano as saudades são dimais todos os dias sonho [**com você**] vou terminar mada mas tua noiva que tanto [te] estima N. Mamãe e vivi envian lembrança” (Carta NJ 12 - 1949)
- (31) “[...] **Pode** viver tranquilo pois eu vivia deposito toda minha confiança. eu e **você**. Nada mas só com nossa presenca . tua fiel noiva que tanto [te] ama.” (Carta NJ 13- 1950)
- (32) “[...] recebi sua cartinha com aqual ficei alegre não sei se **você** recebeu um que eu mandei| pelo irmão S. C. eu não cuportei mas teu silencio [te] escrevi primeiro sim Z. M. acabou o casamento naquele dia que **você** saiu daqui. Nada mas da tua fiel que não se esquece [de ti]. N. Eu e mamãe envian a paz a todos dair a seu tio e a sua tia b.” (Carta NJ 16 - 1950)
- (33) “[...] quando eu **lhe** dei aquele adeus foi com o coração traspassado de dor Z. muitas veses no silencio da noite encanto **você** dorme eu penço [**em você**] ligo meu pensamento a jesus e oro [**por você**]. Vou terminar para não [ti] enfadar. Nada mais quem tanto [te] ama Tua fiel noiva. N. todos daqui enviam a paz Escreva logo prar mim como sem falta” (Carta NJ 18- 1950)

Como exemplo de tradição discursiva evidenciada na despedida dessas cartas de amor, algumas construções foram recorrentes e evidenciam o contexto morfossintático acusativo como favorável para a ocorrência do clítico *te*, como nos exemplos a seguir:

- (34) “[...] Nada mais quem [te] ama. N. Sim Z. ler o salmo 105 de 1 a 5” (Carta NJ 01- 1949)
- (35) “[...] Nada mais quem tanto [te] ama N”. (Carta NJ 03 - 1949)
- (36) “[...]Da tua esquecida que nunca se esquece de você aqui fica nas maiores ausencia quem [te] ama N”. (Carta NJ 08- 1949)

Quanto à ocorrência de mistura dos paradigmas do *tu-você* nas cartas de amor pernambucanas de 1949, século XX, tendo por objeto de análise as cartas da missivista N para seu noivo J, foi possível observar essa ocorrência a partir do tratamento na posição de sujeito, em três perspectivas: remetente com uso exclusivo de sujeito *Tu*, exemplo (37); remetente com o uso de sujeito exclusivo *Você*, em (38); e remetente com mistura *Tu* e *Você* na posição de sujeito, como expresso em (39).

Remetente com uso exclusivo de sujeito tu:

- (37) “Querido Z. paz do Senhor É com sorriso nos labios e as saudadesno coração que pego na pena para dirigir-[ti] (d) estas linhas em correspondencia da que me enviar-[te] (d). Z do domingo para a segunda

não [avalias] a tristeza que acompanharme eu só pedia a Deus que chegase o dia de [ti] (a) ver-[te] (a) em pessoalmente para poder dizer-[te](d) o que sinto sinto A ver tua partida meu coração em tristeza eu não podendo mais suportar aquela auzencia que ia me traser tantas saudades. Mas tive um comsolo em minha vida foi Deus que me deu um consolo. Z. o culto da segunda-feira foi uma bemça eu não sei [le](d) explicar foi tanto poder? [...]sim Z eu fui a su terra condado no dia 28 eu passei a tarde lá eu e mais 5 irmães o numero do meu hino é 357 Z mamãe fez canjica e pamonha eu me lenbrei [de você] (d) se não fosse tão longe eu tinha mandado um prato [pra você] (d) não sabe a alegria que tenho quando recebo uma carta sua uma linha me trais muinto conforto não custe me escrever com duas palavra eu fico satisfeita vou terminar para [le](d) enfadar ja está parecendo um garmal. Mamãe e V. envia a paz[.] mada mais da quem [te](a) ama N. fim amor”. (Carta NJ 02 - 1949)

Nesse exemplo, é possível evidenciar que apesar da remetente (N) se dirigir ao seu interlocutor (Z) com uso exclusivo de sujeito Tu, observa-se ocorrências de misturas pronominais dos paradigmas do Tu e do Você no contexto morfossintático dativo, destacados nos seguintes recortes:

Dativo: pego na pena para dirigir-[ti] (d) estas linhas em correspondencia da que me enviar-[te] (d); em pessoalmente para poder dizer-[te](d) o que sinto sinto; o culto da segunda-feira foi uma bemça eu não sei [le](d) explicar foi tanto poder?; mamãe fez canjica e pamonha eu me lenbrei [de você] (d); se não fosse tão longe eu tinha mandado um prato [pra você] (d); vou terminar para [le](d) enfadar;

Remetente com o uso de sujeito exclusivo Você:

(38) “Z. a paz do Senhor Querido Z. é nesta trade em que se mostra silencio e a trade vai fugindo e as estrelas alegremente vão aparecendo tudo isto é alegria pra mim quando levo a mão a pena [para ti] (d) enviar-[te] (d) está mal feita linhas rogando a Deus para que vá [ti] (a) encontrar gosando saude e felicidade são estes meu sicero votos. Z. tenho prazer em [ti] (d) escrever ao mesmo tempo mi acho com grande dôr em está auzente [de ti] eu só nasci para [ti] (a) amar. Recebi uma carta sua respondi não sei se [você] recebeu e ate aqui não recebi mas carta sua Mas sei que a falta de tempo de escrever não é? Mas tenho recebido lembrança que [você] tem mandado. Z. tambem quero [lé] (d) fazer siente que não estou mais trabalhando quando escrever pra mim escreva com o endereço [...] Nada mais quem tanto [te] (a) ama Fim amôr sempre?” (Carta NJ 03-1949)

Nesse caso, evidencia-se que apesar da remetente empregar o Você como sujeito exclusivo, observa-se ocorrência de mistura de complementos verbais dos paradigmas do Tu e do Você nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo, destacados a seguir:

Acusativo: rogando a Deus para que vá [ti] (a) encontrar gosando saude e felicidade; eu só nasci para [ti] (a) amar; Nada mais quem tanto [te] (a) ama;

Dativo: levo a mão a pena [para ti] (d) enviar-[te] (d) está mal feita linhas; tenho prazer em [ti] (d) escrever; com grande dôr em está auzente [de ti]; tambem quero [lé] (d) fazer siente que não estou mais trabalhando;

Remetente com mistura tu e você na posição de sujeito

(39) “Querido Z. a paz do Senhor É neste venturozo momento em que levo a mão a pena [para ti] (d) responder a tua adoravel cartinha que veio me emcher-me de prazer não [avalias] a alegria que cauzo-me na hora em que recebi a sua cartinha ao ler fico mais alegre em saber que [você] vem sabado D. não esta aqui quem vai [lhe] (d) esperar é V. Z. eu quando recebo uma carta sua não eziste nada pra enteronper eu respnder suas cartas se [você] não recebe logo a curpa esta no correio não esta em mim. Z. mãe esta bôa graça ao nosso bom Deus foi a nossas orações que chegou no trono da gloria. olha jesus tem tem feito tantas maravilhas conmigo que eu não sei agradiser não eu que mereço mais jesus é tão vire amôr bom. Z. eu não estou mais triste mãe ja esta bôa agora estou muinto alegre porque esta se aprosimando os dias de eu [lhe] (a) ver mais alegre estou porque vai fazer o meu pedido vir no dia 17

sinto muito não poder tirar a minha fotografia agora o motivo é este o fotografo esta doente mais quando ele melhorar eu tiro vou terminar pedindu-[te] (d) que desculpe as letras. Nada mais teu amor N.Fim sim V. e mãe manda a paz” (Carta NJ 07- 1949)

Nessa correspondência, observa-se a ocorrência de mistura do Tu e Você na posição de sujeito, evidenciando assim ocorrência de mistura no emprego dos pronomes referentes aos paradigmas do *Tu* e do *Você* no contexto morfossintático dativo, como veremos:

Dativo: levo a mão a pena [para ti] (d) responder; não esta aqui quem vai [lhe] (d) esperar; vou terminar pedindu-[te] (d) que desculpe as letras;

Assim evidencia-se a afirmação em Castilho (2016) de que os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças, sendo observadas reorganizações, possibilitando evidenciar ocorrências dessa reorganização e mistura de paradigmas, reveladas em construções pautadas no uso. Além do que afirmam estudos prévios de Lopes, Rumeu e Marcotúlio (2011) relativos aos processos de variação do tu/você, quando indicam que algumas alterações afetaram em cadeia as subclasses dos pronomes de complementos direto e indireto, além dos possessivos.

Dessa forma, foi possível perceber, nesses exemplos, o “duelo” entre os paradigmas *do tu e do você* nessas cartas constituídas a partir de uma relação simétrica (entre noivos) e com evidente proximidade comunicativa. Essa mistura pode ser observada também pela escolha dos pronomes relacionados ao *Tu-Você*, especialmente, nos contextos acusativo (a), (objeto direto), e dativo (d), (objeto indireto). É importante ressaltar que, apesar dessa mistura no emprego dos pronomes referentes ao paradigma *Tu-Você*, percebeu-se uma tradição discursiva na despedida dessas cartas, com a ocorrência de um modo recorrente de dizer, como visto nos exemplos: (37) “mada mais da quem [te] ama” e (38) “Nada mais quem tanto [te] ama”.

Portanto, podemos dizer que o “duelo travado entre *Tu e Você*” é fortemente motivado pelas relações de proximidade comunicativa tendo em vista que a forma *Você* foi perdendo gradativamente seu caráter nominal e cerimonioso, divergindo funcionalmente da forma de tratamento *Vossa Mercê*, por expressar maior proximidade comunicativa e passando a competir com o pronome pessoal *Tu* se intensificando no século XX. Dessa forma, percebe-se que há cartas escritas exclusivamente com o emprego do ‘Tu’, cartas com o uso exclusivo de ‘Você’ e cartas escritas com a mistura dos dois paradigmas, não só na posição de sujeito mais também no emprego dos pronomes relacionados aos contextos morfossintáticos acusativo e dativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada com o objetivo de reconstruir a performance das cartas pessoais pernambucanas nos três subgêneros, além de analisar qualitativamente a ocorrência de mistura dos paradigmas do ‘*tu*’ e do ‘*você*’, considerando a posição de sujeito, nos casos em que o *remetente faz uso exclusivo de sujeito Tu; remetente faz uso exclusivo de sujeito você; e remetente mistura tu e você na posição de sujeito*, em correlação com os contextos morfossintáticos acusativo e dativo.

A partir dos dados coletados, objetivou-se identificar e discutir as ocorrências de mistura dos paradigmas *tu* e *você* nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo, além de perceber marcas da tradição discursiva na despedida dessas cartas, considerando as condições de produção obtidas a partir do levantamento da performance dos três subgêneros. É de extrema importância evidenciar as condições de produção, a fim de verificar a influência do perfil dos escreventes nas relações estabelecidas com seus interlocutores. Desse modo, a análise foi realizada na perspectiva do gênero carta pessoal como tradição discursiva, atentando para a relação de proximidade e a distância comunicativa e de simetria e assimetria entre os missivistas.

Esta análise evidenciou algumas marcas recorrentes presentes nos textos que denotam uma tradição discursiva, na medida em que utilizam fórmulas típicas repetidas no encerramento da carta. Além disso, foi possível observar a relação de proximidade e distância comunicativa a partir da separação das cartas em subgêneros: cartas de amigos, cartas de família e cartas de amor.

Dessa maneira, foi possível verificar que esses dados contribuem com a compreensão da variação entre *Tu* e *Você*, considerando os perfis dos escreventes selecionados e suas respectivas escolhas dos complementos verbais no contexto acusativo e no dativo relacionado ao paradigma *tu-você*. Assim, os dados referentes à mistura dos paradigmas *tu-você* nos contextos morfossintáticos acusativo e dativo, em cartas pernambucanas, podem contribuir significativamente com dados de pesquisas realizadas em outros estados do país, incluindo, posteriormente, a continuidade da pesquisa com os dados quantitativos.

REFERÊNCIAS

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A (eds.).

Style in Language. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica.** Madrid: Gredos, 2007.

COSTA, A. C. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944.** Natal: EDUFRN, 2012, p. 145-184.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. S. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. **Revista do GELNE.** Vol. 16, nº 1/2. Natal: UFRN, 2014.

GOMES, V. S. **Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX).** Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HAUY, A. B. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, S. (Org.). **História da língua portuguesa.** Cotia – SP: Atelier Editorial, 2008.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (Ed.). **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises.** Salvador: Ed. da UFBA, 2006, p.1-23 (PDF).

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Language. In: **Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano.** Madrid; Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição.** São Paulo: Cortez, 2014 (Col. Leituras introdutórias em linguagem; v. 4)

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C.M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.). **A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19.** Rio de Janeiro, Pós-graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.

_____; RUMEU, M. C. B., e MARCOTÚLIO, L.L. Variação Você e Tu a partir do séc. XIX o estado da questão. **XVI Congreso Internacional de la ALFAL – Alcalá 2011,** p.3608.

MATTOS E SILVA, R.V. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o Projeto “Para a história do português brasileiro”. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). **Para a história do português brasileiro notícias de corpora e outros estudos.** Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. v. 4 p. 17-27.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 197-205.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Rio de Janeiro: UFRJ - FL, 2012.